

Conheça alguns brasileiros que marcaram a história da cirurgia:

**Augusto Brandão Filho
(1881-1957)**

» Nascido em Cantagalo (RJ), foi cirurgião do Hospital da Misericórdia e professor de clínica cirúrgica da Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil (hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro). Pioneiro no Brasil na realização de ventriculografia e angiografia cerebral, tem o título de “príncipe dos cirurgiões”. Foi o primeiro presidente do Colégio Brasileiro de Cirurgições.

**Alfredo Alberto Pereira Monteiro
(1891-1961)**

» Com apenas 23 anos, era professor de anatomia da Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil. Foi o primeiro professor de neurocirurgia no Brasil e deu impulso à especialidade, publicando vários trabalhos sobre o assunto. É considerado precursor da neurocirurgia brasileira. Escreveu vários livros de técnica cirúrgica e, em 1946, publicou a *Novela da cirurgia*, na qual enfatizou seus princípios de técnica operatória, definindo com rigor a rotina técnica de uma operação, a tática cirúrgica, o ritmo operatório e a sistematização das técnicas operatórias.

**Fernando Paulino
(1906-1988)**

» Criador e chefe de cirurgia da Casa de Saúde São Miguel, onde exerceu a clínica particular e criou um curso de pós-graduação em cirurgia e a residência em cirurgia geral. Foi o único brasileiro eleito para a Sociedade de Cirurgia da União Soviética. Autor de mais de 300 trabalhos e capítulos de livros, tornou-se membro emérito da Academia Nacional de Medicina.

**Benedicto Montenegro
(1888-1979)**

» Em 1947, foi elevado ao cargo de membro honorário do Colégio Americano de Cirurgiões e, após mais de 5 mil gastrectomias, foi apontado como o melhor do mundo na cirurgia gastroduodenal. Seu maior orgulho, porém, eram seus discípulos, como Alípio Corrêa Neto, que se destacou pela forma diferente de tratar os alunos, com maior proximidade.

**Edmundo Vasconcellos
(1905-1990)**

» Considerado o gênio da cirurgia inovadora e desbravadora. Ajudou a criar algumas especialidades. Concentrou sua atenção na formação de seus assistentes e novos professores. Seus principais trabalhos foram sobre megaesôfago e megacolo.

**Eliseu Paglioli
(1898-1985)**

» A história das universidades gaúchas pode ser dividida em antes e depois de Eliseu Paglioli (neurocirurgião). Paglioli foi o primeiro a organizar a residência médica no Rio Grande do Sul no seu serviço de neurocirurgia. Dizia: “O dever do médico é trabalhar, o direito do médico é trabalhar”. Foi ministro da Saúde no governo João Goulart.

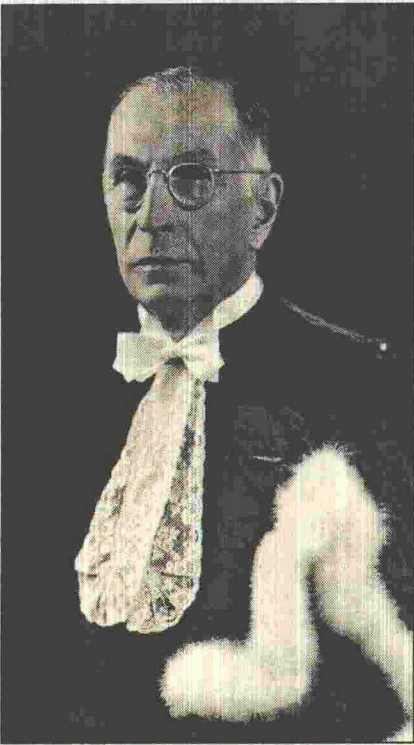
**Fernando Luz
(1916-1942)**

» Dono de grande perícia e elevada noção de disciplina, Fernando Luz não admitia durante as operações uma só palavra que não se relacionasse com o ato cirúrgico. Morreu aos 56 anos, após ter salvo a vida de um paciente em uma cirurgia de baço extremamente delicada.

**Euryclides de Jesus Zerbini
(1912-1993)**

» Pioneiro da cirurgia cardíaca na América Latina. Além de desempenhar com competência o ofício de curar, desenvolveu novas tecnologias cirúrgicas que permitiram criar as primeiras técnicas de operação do coração no Brasil, a despeito da escassez e da deficiência de recursos existentes à época. Foi o idealizador do Instituto do Coração (Incor).

Fontes: *Medicina no Brasil*, artigo dos professores Elaine Alves e Paulo Tubino, Colégio Brasileiro de Cirurgições e Instituto do Coração



Academia de Ciências de Lisboa/Reprodução



Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo/Reprodução



Sociedade Brasileira de Cirurgia Cardiovascular / Reprodução/Divulgação

Cirurgias a céu aberto

» PALOMA OLIVETO

Nas barbearias da então colônia portuguesa, cortava-se cabelo, aparavam-se bigodes e, de quebra, era possível arrancar um dente inflamado, “afinar” o sangue com sanguessugas ou extrair uma verruga incômoda. Como no resto do mundo, no Brasil, os primeiros cirurgiões não tinham formação e a tarefa de sujar as mãos ficava com a “escória” da sociedade: escravos ou cristãos novos que fugiram da inquisição de Portugal.

A gravura *O cirurgião negro colocando ventosas*, de Jean-Baptiste Debret, dá uma ideia de como as coisas funcionavam. Deitado no chão de uma rua não identificada do Rio de Janeiro, um paciente se submete a cinco aplicações de ventosas nas costas (duas delas, já entupidas de sangue, foram descartadas), enquanto o “doutor” aplica a mesma técnica na cabeça de outro homem. Um terceiro aguarda o efeito, com as ventosas nas têmporas. A cena, habitual nos idos de 1800, é observada com desinteresse por um provável mendigo.

“Os cirurgiões eram considerados inferiores. Eles não iam para universidades, não aprendiam latim”, observa Elaine Alves, professora da Universidade de Brasília (UnB) e membro da Sociedade Brasileira de História da Medicina. Até as roupas que usavam eram diferentes das dos médicos: vestes mais curtas, para deixar claro sua posição pouco privilegiada. A cirurgiã pediátrica conta que, até hoje, embora na prática os cirurgiões e clínicos compartilhem o mesmo status, na Inglaterra, o tratamento formal que recebem ainda é diferente. Médicos são chamados de *doctors* (doutores), enquanto os cirurgiões têm de se contentar com um *mister* (senhor).

Até o século 19, a medicina e a cirurgia brasileira reproduziam o modelo europeu. Entre os cirurgiões, havia uma pequena diferença. Dentro da insignificância a que eram confinados, os mais importantes amputavam membros. Os barbeiros — esses, sim, a escória da escória — eram responsáveis por arrancar verrugas, fazer sangrias e tirar dentes. “A clientela dos barbeiros era bem maior, já que eles também faziam a barba e cortavam os cabelos”, brinca Elaine.

“No século 17, as operações eram essencialmente mutiladoras. Para se ter uma ideia, o instrumental do cirurgião era uma faca que parecia uma foice grande, o bisturi de então, para fazer as amputações dos feridos de guerra, que já estavam com necroses e infecções”, diz Paulo Tubino, professor emérito da UnB e membro do Colégio Americano de Cirurgia. “O arsenal dele era isso e ferro em brasa para aparar o sangue”, relata. “A cirurgia ainda era o último recurso”, lembra.

Religião e guerras

Onde havia colônias jesuítas, os padres faziam as vezes de doutores. A historiadora Juliane Serres, diretora do Museu de Medicina do Rio Grande do Sul, conta que os membros da ordem de Inácio de Loyola chegaram a escrever tratados de cirurgia. “Provavelmente, eles mesmos operavam os pacientes”, diz. Um desses compêndios do século 17 encontra-se no Rio Grande do Sul, na biblioteca da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos).

O sul do país, aliás, era um verdadeiro centro de prática da cirurgia. Por causa das guerras que marcam a história da região, como a Revolução Farroupilha e as batalhas de fronteira, eram realizadas muitas operações em soldados. No sé-

Museu da História da Medicina do Rio Grande do Sul/Reprodução/Divulgação



A visão de Debret, no Rio, em *O cirurgião negro colocando ventosas*: primórdios

» **No século 17, as operações eram essencialmente mutiladoras. Para se ter uma ideia, o instrumental do cirurgião era uma faca que parecia uma foice grande, o bisturi de então, para fazer as amputações dos feridos de guerra (...). O arsenal dele era isso e ferro em brasa para aparar o sangue”**

Paulo Tubino,
professor emérito da UnB e membro do Colégio Americano de Cirurgia

culo 19, montavam-se hospitais de campanha e, sem anestesia nem assepsia, os cirurgiões tentavam curar feridas e arrancavam membros com equipamentos prosaicos, como serrotes de construção civil.

Foi por essa época que o cenário da cirurgia no Brasil começou a mudar. Com a vinda da corte de Dom João VI para o Rio de Janeiro, em 1808, o cirurgião-mor do Reino, José Correia Picanço, recomendou a Sua Majestade que instituisse escolas de medicina no país. As primeiras foram construídas no mesmo ano, no Rio e em Salvador. Duas décadas depois, virariam faculdades. A discriminação, porém, continuava. A escola era de medicina e cirurgia. Ou seja, as profissões continuavam separadas. “Os cirurgiões estudavam por menos tempo e eram considerados inferiores”, diz Juliana Serres.

Nos anos 1800, porém, mesmo subestimados pelos colegas, os cirurgiões assistiram ao florescimento da prática. “O século 19 é considerado o século dos cirurgiões, porque houve o controle da hemorragia, a assepsia, a anestesia com éter. Esse foi o grande século da mudança. Foi um salto, não só para a cirurgia, mas para a humanidade. Acabou a infecção, acabou a dor”, observa Paulo Tubino. “Foi fundamental para a cirurgia se desenvolver. A operação em cavidade seria impossível sem a anestesia”, completa Elaine.

Um dos pioneiros no Brasil da cirurgia pediátrica, Tubino diz que, a partir desse momento, a área se desenvolveu e o país acompanhou o novo movimento mundial. Graças aos avanços anteriores, o século 20 começou mais favorável. Em 1920, foram criadas as primeiras especialidades da cirurgia e, em 1929, fundou-se o Colégio Brasileiro de Cirurgições. Um dos grandes mestres do colégio, diz Tubino, foi Alfredo Monteiro, que inaugurou uma nova maneira de operar. “Ele dava ênfase maior ao ato cirúrgico, não cheio de sangue, feio. A operação era bonita, limpa, elegante”, diz o médico.

Disputas

O colégio, porém, também foi um ambiente de rivalidades. Na década de 1950, quando cirurgiões começaram a advogar a necessidade de se criar o ramo da cirurgia pediátria, houve grande resistência interna. Os cirurgiões de adultos não queriam perder mais pacientes. “Para se ter uma ideia, quando saiu a primeira tabela do Inamps (Instituto Nacional de Assistência Médica e Previdência Social, órgão que então fazia os repasses financeiros) para pagar as operações de convênio, as feitas nas crianças, fossem de crânio ou tórax, eram enquadradas como pequenas cirurgias. Parece piada, mas é verdade”, diz.

Outro nome que o cirurgião destaca é o de Edmundo Vasconcelos. “O cirurgião, infelizmente, não adianta negar, tem poucos direitos e muitos deveres. O Vasconcelos dizia que o cirurgião só tinha deveres”, conta. Aos poucos, os profissionais brasileiros também começaram a valorizar a humanização. “Os cirurgiões de antigamente eram muito ‘chega para lá’, eram ‘quase deuses’”, recorda Tubino. Houve muitas exceções. Entre elas, Octavio Freitas Vaz, um dos primeiros a defender que o paciente não poderia ficar sozinho nas internações. Quando era estudante, Paulo Tubino visitou a unidade pediátrica do Hospital Estadual Jesus, dirigido por Vaz. “Na época, era proibido internar outras pessoas juntas, mas, ali, as mães ficavam. Porque o doutor Vaz dizia ‘ou deixa ou mato’. Olhei para o lado e vi um cirurgião sentado no chão da enfermaria, brincando com uma criança. Eu nunca tinha visto isso antes.” Era o último ingrediente que faltava para a cirurgia brasileira se igualar às melhores do mundo.

1938 — Realização do primeiro Congresso Brasileiro de Cirurgia

1946 — Primeira operação de troca de sexo

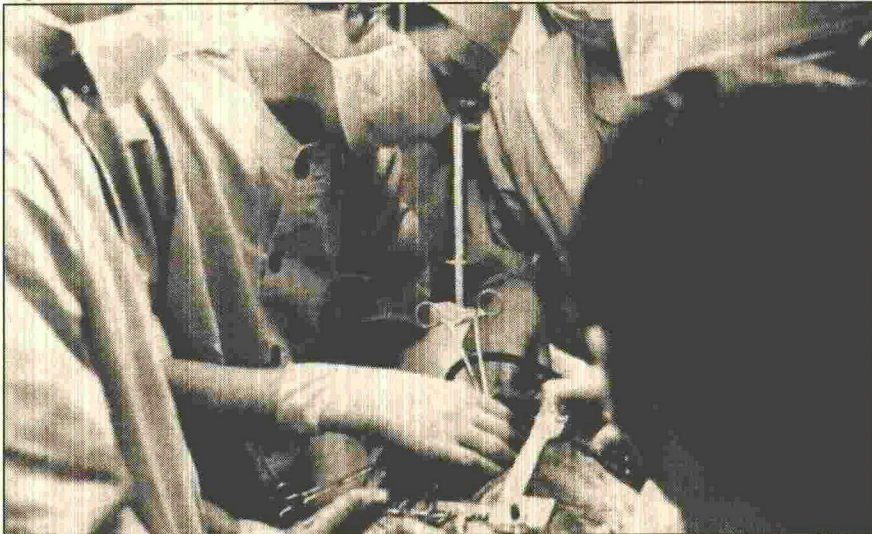
1950 — No Brasil, criam-se as especialidades cirúrgicas: torácica, cardíaca, plástica e pediátrica

1951 — Euryclides de Jesus Zerbini realiza, no Hospital de Clínicas de São Paulo, a primeira comissurotomia mitral (incisão de fibras musculares na válvula cardíaca) digital. Em Paris, cirurgiões fazem um transplante de rins

1955 — Denis Melrose desenvolve um método de parar e retomar o funcionamento do coração durante uma cirurgia. Três anos depois, ele realiza uma cirurgia de coração aberto transmitida, ao vivo, pela televisão americana

1967 — Christian Barnard faz o primeiro transplante de coração

Biografia de Christian Barnard/Reprodução



1968 — Euryclides de Jesus Zerbini e sua equipe fazem o primeiro transplante cardíaco (foto) da América Latina

1970 — No Instituto de Cardiologia do Rio Grande do Sul, é realizada a primeira operação de ponte de safena aortocoronariana, pelo cirurgião Ivo Nesralla

Biomed/Divulgação



1998 — Primeira mão transplantada na história (foto)

2005 — Primeiro transplante facial, em Paris

2010 — Na Espanha, primeiro transplante facial total

Fontes: Cirurgiões Elaine Alves e Paulo Tubino; livro *Sangue e entranhas* — a assustadora história da cirurgia, de Richard Hollingham; artigo *Pequena história da cirurgia cardíaca: e tudo aconteceu diante de nossos olhos...*, de Paulo R. Prates, publicado na Revista Brasileira de Cirurgia Cardiovascular